



Pedro Rocha
TXT TEMER, 3/2018

RIO CIDADE OLÍMPICA

Acompanho deitado na erva
o deslocamento de chefes
de estado indo do Itamarati
ao Maracanã através
do barulho de helicópteros monitorando
os contornos ameaçadores
desta cidade partida.

Estou repleto de violência
embora não pareça a quem
da nave inspirada na libélula
decante o olhar com uma ferramenta de aproximação
ocular e perceba um corpo estirado na grama verde
acompanhado de um cão cinza
uma máquina de escrever abóbora
e um mate uruguayo cor de cuia.

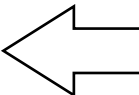
Se soubessem o que me
vem em mente lançariam
advertências na minha direção
mas as minhas investidas
não são vislumbráveis
ao olho nu ao pensamento nu
e à simples perspectiva dos
apetrechos comuns.

Não é simples derrubar a farsa
como foi simples derrubar as casas onde vivia gente
para que outros passassem
em torno de um amanhã que não tem passado.

Lamento festa, mas não dançarei
a sua música nem me deixarei levar pelos equívocos disfarçados
de empreendimentos.

Há fogo no céu
afogo no solo
levo um tiro no peito
e plantam uma justificativa
no jornal da noite:

"Ele mereceu, era péssimo o poema"

AUDIO 

MANHÃ

Manhã , 13 de junho de 2016 , 14:21

Tudo seria perfeito no número 61 da rua aérea , não fosse essa casa vizinha construída ilegalmente na linha do muro do meu jardim onde frequentemente a herança escravocrata despeja água com detergente no meu ora-pro-nóbis e nos limões e limas da Pérsia e laranjas pêras, todos brotos ainda , assim como o abacate noviço e a carambola e a maçã que nem sequer saíram à luz.

O Brasil voltou a ser mais deles, os arcadistas senhores que impõem servidão com a simpatia de um sorriso mais bem cuidado e ignorância fraterna.